

ENTRE CLIQUES E FATOS: O DESAFIO DA DESINFORMAÇÃO PARA NATIVOS E IMIGRANTES DIGITAIS ¹

Alice Melo XAVIER²;
Diovana VIEIRA³;
Celestino JOANGUETE³.

Departamento de Comunicação
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

O cenário digital alcança cada vez mais o cotidiano dos indivíduos, sendo este fator acelerado pela pandemia. Todavia, existem diversas questões socioeconômicas, comportamentais e fenômenos que coexistem e devem ser levados em conta ao observar o ciberespaço. Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre os grupos de nativos e imigrantes digitais, de maneira a demarcar como o fenômeno da desinformação pode impactar estes grupos e como o letramento midiático pode auxiliar na segurança e melhor uso do digital.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberespaço; Comportamento; Curadoria; Letramento Midiático; Informação.

O CENÁRIO DIGITAL E A INTERAÇÃO ENTRE NATIVOS E IMIGRANTES DIGITAIS

Estamos vivenciando um cenário de aceleração tecnológica que mudou diversos hábitos da sociedade, sendo este fenômeno deveras impulsionado pela pandemia de Covid-19, oficialmente datada no período de 2020 a 2023 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O isolamento social foi decretado devido ao risco de contágio, de forma que atividades cotidianas de boa parte da população mundial, como o ensino e o trabalho, foram movidas para o ambiente virtual. Todavia, existem diversos fatores que influenciaram e ainda influenciam nessa adaptação ao remoto, mesmo no cenário pós-pandemia.

¹ 1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Desinformação no Ecossistema Midiático, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria, bacharel em Publicidade e Propaganda. Email: alice.melo@acad.ufsm.br.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria, bacharel em Relações Públicas. Email: diovana.vieira@acad.ufsm.br.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho, professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM) da Universidade Federal de Santa Maria. Email: celestino.joanguete@ufsm.br

Ao refletirmos sobre a aceleração tecnológica, também se faz necessário reconhecer o abismo que acontece na diferença de acessibilidade aos meios digitais por boa parte da população mundial. Kartajaya, Setiawan e Kotler (2021) colocam que questões como o custo do acesso, simplicidade dos sistemas impactam diretamente neste cenário. No caso do custo do acesso, além de pensarmos no pagamento do provedor de Internet, precisamos também avaliar as questões pertinentes ao suporte tecnológico pelo qual o acesso ocorrerá, o que é diretamente influenciado pelo fator socioeconômico da população.

As informações na Internet circulam através do que Lèvy (1999, p. 92) coloca como ciberespaço, entendido pelo autor como “o espaço de conexão aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Neste espaço, os papéis de emissor e receptor ocorrem atualmente em coexistência, na condição de usuários chamados de *producers*, isto é, que atuam simultaneamente como consumidores e criadores de informações (Strutzel, 2015).

Esse fenômeno de criação e difusão de informação pode ser observado sob duas dinâmicas distintas, conforme apontam Jenkins, Green e Ford (2015): a propagação, que se refere à disseminação de conteúdo através de múltiplos canais sem um percurso preestabelecido, e a aderência, que designa uma trajetória intencionalmente desenhada para guiar os usuários através do conteúdo. Conforme Jenkins, Green e Ford (2015, p. 21), a Internet oferece plataformas descritas como “ferramentas de comunicação on-line para facilitar o compartilhamento informal e instantâneo”, que são essenciais para a disponibilização desses conteúdos gerados, que tomam conta de grande parte do cotidiano dos usuários, levando informações dos mais diversos nichos para grupos diversos de usuários.

O mundo atual é composto por indivíduos de diferentes gerações, que impactam diretamente em suas personalidades, identidades e comportamentos. No caso deste trabalho, iremos utilizar a divisão de nativos e imigrantes digitais, proposta inicialmente por Prensky (2001) e revisitada por inúmeros pesquisadores até a atualidade. Nesta divisão, basicamente, são considerados nativos digitais aqueles que nasceram em um contexto tecnológico, de maneira que estão acostumados a receber e processar informações muito mais rapidamente (Prensky, 2001). Já os imigrantes digitais são aqueles que viram e participaram do processo de digitalização, guardando consigo

diversos hábitos ou resquícios destes hábitos pré-digitais, o que Prensky (2001) coloca como “sotaques”.

Um exemplo pode ser dado na diferença de comportamento entre gerações ao resolver problemas. Kartajaya, Setiawan e Kotler (2021) reconhecem uma certa dificuldade na integração dos imigrantes digitais, notada na pandemia, pelo apego à resolução de questões ocorridas de forma presencial, como o comportamento de compras, que atualmente podem ser realizadas facilmente pelos meios digitais e pelos quais houve dificuldades consideráveis de adaptação. Este é um processo que os nativos digitais já incorporaram de uma maneira mais natural, visto que este processo de compras *online* já fazia parte de seu repertório de alguma forma.

Pinto (2010) coloca a necessidade de materialização das questões, sobretudo informacionais, como uma característica presente no grupo dos imigrantes digitais, mesmo que a informação continue disponível no ambiente virtual, tendo uma preferência por um processamento mais linear dos dados. Esta materialização não está arraigada nos nativos digitais, que se organizam predominantemente através de arquivos digitais (Pinto, 2010), sendo esta característica interligada ao modo como processam as informações, acessando-as de forma não linear. Nessa situação, o hipertexto é definido como um método de navegação que não segue uma sequência fixa, oferecendo a capacidade de explorar conteúdos adicionais através de conexões diretas. É o meio predominante para se deslocar pela web atualmente, dada a facilidade com que permite entrelaçar dados distintos no vasto ambiente digital.

Desta forma, podemos ilustrar como os grupos conhecidos como nativos e imigrantes digitais se preocupam de veras com as questões pertinentes ao trato informacional, embora lidem com as informações a partir de comportamentos distintos. De fato, ambos os grupos enfrentam desafios com questões pertinentes ao processamento e comprovação de autenticidade das informações, o que faz com que se reconheça a necessidade de estratégias que auxiliem nesta empreitada.

LETRAMENTO MIDIÁTICO E O TRATO DE INFORMAÇÕES

Podemos apontar que ocorrem algumas grandes diferenças que impactam significativamente como o trato informacional ocorre entre os grupos de nativos e imigrantes digitais. Fenômenos como a desinformação, isto é, “qualquer tipo de

conteúdo falso, impreciso, tendencioso, distorcido ou fora de contexto, criado de forma intencional ou não” (Ferrari; Machado;Ochs, p. 43) acabam ganhando espaço em meio a este cenário. Se faz necessário para o prosseguimento desta reflexão apontar que os conceitos *fake news* e desinformação não são necessariamente a mesma coisa, visto que a *fake news* é criada propositalmente, visando ganhar algo em troca da informação falsa, ao passo que a desinformação acaba ocorrendo muitas vezes de forma não-intencional a partir de uma interpretação errônea (Ferrari; Machado; Ochs, 2020). A partir disto, se faz importante observar os pontos que diferem o tratamento informacional de ambos os grupos comportamentais aqui citados para preparar estratégias que auxiliem no trato informacional.

Ainda,se faz necessário reconhecer uma constante onda de *deep fakes*, isto é, um método que utiliza técnicas avançadas de inteligência artificial para modificar imagens ou gravações (Joanguete, 2023). Esta ação objetiva transformar a aparência ou o comportamento dos indivíduos representados, de maneira a criar situações falsas e deveras prejudiciais tanto para quem tem sua imagem usada quanto para quem acredita na falsa informação. Essa tendência tem levantado questões éticas, sociais e tecnológicas significativas, em razão da propagação de informações fraudulentas e ilusórias na internet.

Uma poderosa aliada na verificação de informações, em especial no formato de notícias, se dá na forma das agências de verificação, que realizam o chamado *fact-checking*, isto é, a checagem de informações. São organizações dotadas de metodologias jornalísticas que apuram a veracidade das informações e esclarecem questões, etiquetando as informações e mostrando suas origens para que os usuários possam também encontrar suas fontes (Muller, 2020).

Uma das formas de auxílio no combate da desinformação e *fake news*, de forma a alterar de forma positiva o comportamento dos indivíduos se faz presente nos estudos da área de letramento midiático, caracterizada como “o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e reflexiva do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos – dos impressos aos digitais” (Ferrari, Machado; Ochs, 2020, p. 26). A área vem ganhando um destaque nas discussões internacionais e mais recentemente no âmbito nacional, com a 1º Semana

Brasileira de Educação Midiática, organizada pela Secretaria Nacional de de Comunicação Social ocorrendo de 23 a 27 de outubro de 2023.

Reconhecemos que existem diversos projetos sobre práticas de educação midiática ocorrendo no território nacional, todavia, a unificação dos esforços em um evento de âmbito nacional auxilia a dar força para os estudos da área, chamando maior atenção da sociedade para sua importância. As práticas de letramento midiático podem ser inseridas nos mais diversos contextos, adaptando-se a questões socioeconômicas, de escolaridade, entre outros fatores.

Focando neste momento nas questões de trato de informações, o estímulo às habilidades de curadoria, isto é, a habilidade para “filtrar e selecionar conteúdos e dados confiáveis e adequados a todas as situações” (Ferrari, Machado; Ochs, 2020, p. 27) é deveras importante na identificação e combate de desinformação e *fake news*. Ao saber distinguir informações, os usuários, sejam eles nativos ou imigrantes digitais, podem evitar diversos problemas causados por informações errôneas, como por exemplo, golpes financeiros, más práticas de saúde e compras de produtos duvidosos.

Embora ambos os grupos estejam expostos a riscos em comum quanto a desinformação, existem pormenores mais específicos ocasionados por pertencerem ao grupo de nativos ou imigrantes digitais. Estudos conduzidos por diversos grupos, como o Programa Educamídia (Brasil) e o *Digital Inquiry Group* (EUA) apontam que imigrantes digitais apresentam uma maior dificuldade quanto à questão de formatos digitais de informação, apresentando maior desconfiança e resistência também a processos que envolvem o online, como burocracia e compras, por exemplo. Já os nativos digitais são chamados também pela alcunha de “inocentes digitais”, por acreditarem mais facilmente em informações online, não fazendo curadoria de informações por si mesmos muitas vezes, não conferindo com tanta atenção os dados recebidos (Ferrari, Machado; Ochs, 2020).

Desta maneira, se faz necessário utilizar estratégias que auxiliem ambos os grupos em suas maiores dificuldades, não excluindo suas questões, mas sim adaptando e utilizando seus pontos positivos de maneira melhorar seus desempenhos frente à maré de desinformação. Propomos assim como possíveis soluções iniciativas que auxiliem na adaptação dos imigrantes digitais à variedade de formatos e formas de acesso à informação e formas de estimular a curadoria informacional de maneira mais

naturalizada no consumo para os nativos digitais, agregando estas práticas já à rotina escolar diária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que a sociedade se aprofunda no cenário digital, impulsionada pela necessidade de adaptação que ocorreu durante a pandemia e na qual ainda vemos em vigor diversos desses novos hábitos, torna-se importante abordar as disparidades no acesso e na habilidade de usar efetivamente as ferramentas digitais. A desinformação, ocorrida em diversos formatos, emerge como um desafio significativo, afetando desproporcionalmente os grupos de nativos e imigrantes digitais, a partir de seus hábitos mais específicos. Portanto, o letramento midiático surge como uma ferramenta essencial, capacitando os usuários a discernir informações confiáveis e a utilizar o ciberespaço de maneira responsável e segura.

REFERÊNCIAS

FERRARI, Ana Claudia; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia da educação midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

JENKINS, Henry; GREEN, Tom Joshua e FORD, Sam. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2015.

JOANGUETE, Celestino. **O Poder das mentiras digitais: A ameaça das deepfakes para a sociedade**. Editora Dialética, São Paulo, 2023.]

KARTAJAYA, Hermawan; SETIAWAN, Iwan; KOTLER, Philip. **Marketing 5.0: Tecnologia para a humanidade**. Rio Janeiro: Sextante, 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. São Paulo, 1999.

MÜLLER, Kauane Andressa. **As estratégias de credibilidade das organizações de fact-checking brasileiras em reação às fake news no contexto de crise do jornalismo profissional**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, p. 164. 2020. Defesa em 27 de mar. 2020.

PINTO, Vinícius Soares; MACEDO, Ricardo Pedrosa. A Publicidade x Nativos Digitais. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2010, Novo Hamburgo. **Anais...** Novo Hamburgo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0026-1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Tradução: Roberta de Moraes Jesus de Souza. 1ª ed. Califórnia: NBC University press, 2001.

STRUTZEL, Tércio. **Presença digital**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.